

POSICIONAMENTO E CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS NA ESCRITA INFANTIL À LUZ DA TEORIA DA AVALIATIVIDADE

por Rose Maria Leite Oliveira (UFCG)**, Daiane Aparecida Cavalcante (UFCG)*** e Sâmea Damásio da Mota Silva (UFCG)*****

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola pública cujo interesse foi investigar o estatuto dos saberes linguísticos envolvidos no processo de posicionamento e constituição de sentidos na escrita infantil. Considerando-se que escrever envolve processos de engajamento interpessoal, fundamentamo-nos em Martin & White (2005), Koch (2008), Halliday (1994), Cabral (2007), Vian Jr (2009), à luz da Teoria da Avaliatividade, e buscamos evidências para o fato de que, quando escrevem, os aprendizes posicionam-se, fazem julgamentos e são capazes de avaliar a partir da atribuição de valores a coisas, pessoas ou relações.

PALAVRAS-CHAVE: Posicionamento; teoria da avaliatividade; leitura e escrita infantis.

ABSTRACT

This work is the result of a survey conducted in a public school which interest was to investigate the status of linguistic knowledge involved in the placement process and constitution of meaning in children's writing. Considering that writing involves interpersonal engagement processes, we based ourselves in Martin & White (2005), Koch (1998), Halliday (1994), Cabral (2007), Vian (2009), based on the theory of appraisal, and we sought evidences for the fact that, when writing, learners are positioned, make judgments and are able to assess from assigning values to things, people or relationships.

KEYWORDS: Placement; appraisal theory; children's reading and writing.

* roseleite@ufcg.edu.br

** Universidade Federal de Campina Grande.

*** Universidade Federal de Campina Grande.

**** Universidade Federal de Campina Grande

1. INTRODUÇÃO

Através da linguagem, conforme o tempo, o contexto e as relações interpessoais, o homem é capaz de estabelecer uma grande parcela de significados. A depender de seus propósitos comunicativos, ele a utiliza para emocionar, convencer, questionar, posicionar-se, dentro outros, corroborando-a enquanto meio para expressar sentimentos, atitudes e juízos de valor. Tais relações dão prova do caráter interpessoal da linguagem (HALLIDAY, 1994), ou *metafunção interpessoal* da linguagem que hoje tem contribuído para investigações no campo da Gramática Sistêmico Funcional (GSF).

Tendo em vista que as relações interpessoais da linguagem ultrapassam os limites da oração, para a GSF, no texto, por excelência, estão materializados elementos que comprovam sentimentos e valores postos por sujeitos ou comunidades, com o intuito de demonstrar emoções, gostos e avaliações de seres ou fatos sociais. Tal caráter da linguagem colocou em cena, nas últimas décadas, trabalhos interessados em discutir os mecanismos de *avaliação* ou *valoração*¹ da linguagem e, em especial, no Brasil, sua aplicação para os estudos em língua portuguesa.

A teoria da avaliatividade (ou da valoração) cumpre importante papel teórico-metodológico na análise das práticas de produção textual, oral ou escrito, já que ela consegue dar conta das relações existentes entre usuários da língua em situações de evento comunicativo de opinião ou negociação, ao propor sistemas e subsistemas de análise linguística. Aliada às discussões da Semântica do Discurso, sem dúvida, tal paradigma tem feito importantes diálogos com os campos de estudo da linguagem de base sociointeracionista, em especial, o da aquisição e processamento da linguagem.

Assim, nesse trabalho, ao entendermos *língua* como um sistema sintático-semântico autônomo que se situa no quadro de uma língua natural particular em que se efetivam as ações de linguagem (cf. BRONCKART, 1999), em que há um trabalho cognitivo e uma atividade social que pressupõe negociação por parte do sujeito (cf. KOCH; MARCUSCHI, 1998), lançamos mão da teoria da avaliatividade para analisar e descrever as formas de posicionamento e de constituição de sentidos de aprendizes da linguagem, partindo do pressuposto de que tais sujeitos, ao lidar com as mínimas manifestações linguísticas, dão prova de inserção em subsistemas de avaliação como o *Atitude*, *Engajamento* e *Gradação* (MARTIN; WHITE, 2005), na medida em que expressam direta ou indiretamente opiniões sobre fatos, objetos do mundo ou estado de coisas.

2. A TEORIA DA AVALIATIVIDADE NO CAMPO DOS ESTUDOS SISTÊMICO-FUNCIONAIS E A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS NAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA INFANTIL

Considerando a natureza funcional e sócio-comunicativa da linguagem que, por sua vez, é um sistema de produção de sentidos através de enunciados, entender os usos linguísticos para valorar/avaliar, implica entendermos a língua enquanto um sistema de caráter substancialmente semântico e um ato

¹ Cabe lembrar aqui que não há consenso acerca do uso dos termos *valoração*, *avaliação* ou *avaliatividade* nesse campo de estudos da linguagem, tendo em vista as questões de tradução que encerra a expressão *Appraisal*, cunhada por Martin e White (2005), precursores nos estudos da avaliação. Nessa investigação, seguimos a sugestão de Vian Jr (2009) que opta em traduzir o termo *appraisal*, daqueles autores, pelo termo *avaliatividade*.

simbólico interpessoal.

A interpessoalidade da língua diz respeito às relações que mantemos com os outros, aos aspectos dialógicos que estabelecemos no limiar de nossas interações, a maneira peculiar de como regulamos o nosso comportamento e o das pessoas com as quais interagimos. Quando pretendemos examinar as manifestações de juízos, opiniões e posicionamentos do locutor, no campo da linguagem verbal, é necessário que direcionemos nossa atenção primeiramente para a interpessoalidade, já que é a através dela que organizamos a interação entre o falante, ou escritor, e sua audiência (cf. HALLIDAY, 1994).

Ao elaborar práticas discursivas, o falante ou o produtor de textos, através dos usos da língua, dá forma ao sistema, destarte, este acionar de forma cognitiva comandos, selecionar, mobilizar, escolher recursos e optar por estratégias comunicativas para facilitar a interação com os seus interlocutores em contextos variados, tendo em vista, os papéis dos mesmos serem determinados por condições particulares e significativas de uso. Nesse bojo, o fator interpessoal tem relevância preponderante para a gramática sistêmico funcional de Halliday, que preconiza que todas as línguas são organizadas em torno de dois significados primaciais: o “ideacional”, ou reflexivo, e o “interpessoal”, ou ativo. A teoria hallidayana chamará esses componentes de metafunções, que são manifestações do sistema linguístico que fundamentam todos os usos da linguagem, para entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). A linguagem, em qualquer evento comunicativo, exerce essas metafunções e essas demarcam uma postura atitudinal/lexical por parte dos usuários da língua em funcionamento.

A visão funcionalista (HALLIDAY, 1973, p. 104), parte do pressuposto da ideia de “função”, não se referindo apenas aos papéis sintáticos e lexicais que desempenham as classes de palavras ou as estruturas sintagmáticas, mas, sobretudo, remete-se ao papel multifuncional que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, atendendo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados, o que requer, pelo falante, estratégias de ações concretas, para suprir as necessidades dos propósitos comunicativos como, por exemplo, exprimir emoções, lançar refutações, expor julgamentos apreciativos ou depreciativos, ludibriar, expressar contentamento ou descontentamento, intensificar sentimentos ou simplesmente mitigá-los.

Todas essas realizações de comunicação são pragmaticamente efetivadas através do poder dos marcadores linguísticos que veiculam posicionamentos, que se dão justamente através da função interpessoal da linguagem, indo além das funções retóricas, servindo, num contexto mais amplo, ao estabelecimento e à manutenção dos papéis sociais. É, pois, na perspectiva metafuncional e pragmático-cognitiva da língua que o sujeito irá produzir as suas enunciações, dotadas de intenções e ideologias comunicativas, o que demarca a plasticidade da linguagem como práxis social. Nesse ínterim, o sujeito discursivo ativa e elabora em seus frames conversacionais e, nas produções textuais, novos itens e novas formas lexicais para demarcar uma tomada de posição enunciativa e expressiva, materializadas em contextos diversos. O posicionamento subjetivo desse sujeito discursivo, defronte à constituição de sentidos, isto é, das suas semantizações do mundo, é o que norteará a seara teórica dos estudos sistêmico-funcionais. Dessa forma, Halliday (1967) salienta que o:

Sistema é usado no sentido firthiano de paradigma funcional, mas é desenvolvido no construto formal de uma rede sistêmica, o que configura uma teoria da linguística enquanto escolha. À interpretação funcionalista da linguística se acopla há uma descrição sistêmica, na qual a gramática toma a forma de uma série de estruturas sistêmicas, cada estrutura representando as escolhas associadas com um dado tipo de constituinte (HALLIDAY, 1967, p. 37).

É perceptível que essas escolhas e recursos linguísticos, essa valoração paradigmática mediante a construção de sentidos, estão inseridas simbioticamente no cerne da linguagem, visto que a escolha é uma peculiaridade constitutiva da mesma, é uma necessidade estrutural, de apropriação do sistema semiótico da língua, para disponibilizar aos falantes recursos de expressão para a exposição de suas manifestações comunicativas no processo de produção e de instauração de sentidos.

Com base em tal escopo, Martin e White (2005) desenvolveram um trabalho no interior da gramática sistêmico-funcional de Halliday, inserido na metafunção interpessoal. Esse trabalho propõe um sistema, localizado na Semântica do Discurso, que consiste em encontrar, em um texto, “elementos que comprovem sentimentos e valores ‘postos’ de uma comunidade, de modo a demonstrar emoções, gostos e avaliações normativas”, a Teoria da *Appraisal System* (cf. CABRAL, 2007).

Partindo do ponto de vista de que a linguagem oferece mecanismos diversos para que atribuamos diferentes avaliações aos mais diferentes aspectos de nossas atitudes em nosso cotidiano, surge, então, a *Teoria da Avaliatividade*, utilizada para analisar a avaliação e a perspectiva em textos (WHITE, 2004).

Assim, os elementos lexicais encontrados no texto demarcarão essa valoração; ora expressarão juízo de valor, opinião, afetividade, adesão, ora expansão dialógica ou contração dialógica. Tal gama de recursos utilizados será desencadeada no decorrer das necessidades e objetivos das manifestações discursivas. Neste sentido,

A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos, isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual (KOCH, 2008, p. 23)

É mister que o falante ou o produtor de textos, no cerne da cadência da tessitura textual, controle, regule, manipule as estratégias cognitivas e suas intenções discursivas, para a produção de sentidos. Para tal efeito, é de suma relevância que os sujeitos do discurso conheçam a estrutura do sistema formal e funcional da língua, eclodindo a partir dessa seara o posicionamento de atitudes subjetivas e afetivas em face dos enunciados, o que se traduz numa avaliação ou valoração dos fatos, estados psicológicos, indicação de modalidades e perspectivas.

A Avaliatividade complementa a negociação entre os participantes, ao focar aspectos interativos do discurso, funções de fala e estrutura de troca (MARTIN; WHITE, 2005, p. 33). A negociação diz respeito a proposições ou a propostas (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Nesse processo são incluídas as formas de tratamento, o envolvimento lexical, o comprometimento e a solidariedade dos sujeitos do discurso, visto que o homem se faz sujeito concreto, histórico, ideológico, porta-voz de um amplo discurso social.

Nesse contexto, a teoria da avaliatividade envolve a hierarquia da instanciação de sentidos através de três importantes subsistemas: a *Atitude*, o *Engajamento* e a *Gradação*. Tais subsistemas estão relacionados a como a língua é usada para avaliar, adotar posturas, valores e posicionamentos.

A *atitude* diz respeito aos sentimentos, às reações emocionais e está subdividida em três regiões de significado: o *afeto*, o *juízo* e *apreciação*. O *afeto* está relacionado aos pensamentos positivos e negativos que demonstramos o que reside na subjetividade individual do falante, que propõe através pelas revelações emocionais uma reação de adesão ou de rejeição por parte do seu interlocutário. Lexicogramaticalmente é demarcado através de atributos como “feliz”, “triste”; processos e de ações mentais, tais como “entristecer”, “chorar”; e de itens lexicais que denotam aspectos circunstancializadores como “agradavelmente”, “felizmente”, etc. A *atitude* diz respeito a sentimentos e a julgamentos que o autor faz em relação ao mundo que o cerca (MARTIN; WHITE, 2005) e pode ser realizada através de uma gama de categorias gramaticais, das quais se destacam: os adjetivos, verbos e advérbios, o que envolve os marcadores de quantidade, ou seja, os quantificadores, como “pouco”, “muito”, “bastante”, dentre outros. As manifestações do *juízo* dizem respeito à avaliação da atitude em que, de forma positiva ou negativa, o comportamento humano, individual ou grupal, relacionado com um qualquer conjunto de normas sociais, é expresso. Trata-se, portanto, de um posicionamento ideológico e atitudinal, refere-se a posições adotadas em relação ao comportamento das pessoas, apresentando exponencialmente uma aceitação, ou rejeição e depreciação defronte o discurso de outrem. Já a *apreciação* tem haver com as avaliações concernentes aos objetos, artefatos, processos, estados e coisas, sob a ótica estética, da composição ou do valor semiótico das coisas.

Quanto ao subsistema *engajamento*, é baseado no dialogismo bakhtiniano e na heteroglossia, ou seja, no poder que o contexto exerce sobre o texto, que é definida como “a condição básica que governa a operação de sentido em qualquer uso da linguagem. É o que concede a primazia do contexto sobre o texto” (BAKHTIN, 1981, p. 428). Assim, toda comunicação verbal é dialógica, pois, em se tratando do nosso discurso, sempre queremos causar impacto e influenciar o discurso do outro. O *engajamento*

pode se realizar através de duas maneiras: pela *expansão dialógica* ou pela *contração dialógica*. Na expansão dialógica o sujeito demonstra concordância em relação à ideia projetada pelo autor, apresenta uma abertura, aderindo e endossando a outra voz ou outras vozes presentes no arquétipo textual e, em contrapartida, na contração ele rompe o espaço dialógico para externar e lançar outras posições ou contraposições, podendo ajustar os estatutos do enunciado, apresentando discordâncias e disparidades em relação ao mesmo.

O subsistema *gradação* tem a ver com a possibilidade de moldar o grau de uma ou mais avaliações contidas num enunciado, conferindo-lhe maior ou menor vigor, ou seja, “a faculdade de mudar o grau de intensidade da *atitude*, aumentando-lhe o volume” (MARTIN; WHITE, 2005, p.148) É, pois, a mudança, a alteração do tom discursivo do sujeito enunciativo, a forma de intensificação ou de mitigação dos significados empíricos, apresentados nos dois primeiros sistemas. Ou seja, é a valoração ou avaliação através de escalas, de graus. Assim, a *gradação* é composta de dois eixos: a) a *força*: que se realiza através do léxico da intensificação, com estruturas morfológicas comparadas, com a exposição de quantificadores, do uso do grau superlativo, com elementos graduáveis, como *bastante, pouco, muito, mais, menos, vários*, etc. e b) o *foco*: que diz respeito às categorias não passíveis de graduação, referindo-se à prototipicidade dos seres ou comportamentos, pelo reforço ou abrandamento. No quadro resumitivo abaixo são apresentados, pois, os subsistemas da Teoria da Avaliatividade aqui arrolados:

Atitude	Afeto (sentimentos positivos e negativos) Julgamento (posições sobre o comportamento da pessoas) Apreciação (ponto de vista da estética quanto a objetos, produtos, instrumentos e elementos naturais)
Engajamento	Adesão ou não ao dizer do outro (expansão dialógica ou contração dialógica)
Gradação	Intensificação ou mitigação dos significados manifestos nos outros dois subsistemas.

Tabela 1: Subsistemas da valoração (MARTIN; WHITE, 2005)

Tais construtos, sem dúvida, vêm norteando importantes investigações no campo da gramática funcional, sendo, no campo da aquisição, processamento e desenvolvimento da linguagem da criança, decisivos no tocante à análise e descrição dos eventos de negociação e posicionamento infantis durante a leitura e produção de textos.

Nesse contexto, há de considerar que, desde cedo, a criança tem consciência do texto enquanto unidade formal-conceptual, espaço funcional e social de comunicação (KATO, 1998). A escrita é uma arena de eventos dialógicos, materializados através das palavras que a permite ampliar e elaborar seu mundo de significações, sendo que escrever demanda, além do suporte dos sistemas cognitivos e linguísticos, a compreensão da linguagem como forma de interação social e como um produto de um trabalho coletivo e histórico (BAKHTIN,1997).

É desse processo de interação com a língua e com o mundo que a criança exprime as valorações

linguístico-discursivas, resultantes de suas escolhas tanto através das realizações dos eixos paradigmáticos (que são as relações associativas), como pelos eixos sintagmáticos (que são as combinações que se produzem em grupos de signos) que a língua oferece. Nesse rumo, para a efetivação da compreensão, as práticas escolares devem ultrapassar os usos linguísticos e buscar enfatizar operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação linguística (MARCUSCHI, 2008). A Análise do Discurso enfatiza o fato de o indivíduo que fala ser um porta-voz de discursos anteriores, que o definem basicamente enquanto sujeito não uno. Assim, no que se refere às principais correntes pragmáticas, o papel do sujeito no discurso, seja ele o falante, o locutor ou enunciador, é crucial, porque o que está em jogo são as intenções discursivas, que precisam ser descobertas e partilhadas.

No que tange à metafunção interpessoal, que orienta os estudos da valoração, o sujeito mobiliza recursos para interagir com seu grupo num determinado tempo e espaço e esse fato produz, entre outros efeitos, a construção de conhecimentos, sentidos e crenças. Partindo de tais aferições, sabe-se que a proposta de sentido textual só pode ser considerada completa a partir da participação do seu leitor/ouvinte. Ou seja, o texto articula-se através de aspectos linguísticos, sociais e cognitivos, sendo a língua responsável por traduzir elementos do contexto social.

Ainda no que diz respeito aos processos de compreensão e de construção textual infantil, temos que os recursos lexicais utilizados pelas crianças em fase de processamento da língua variam de acordo com o modo como avaliam o discurso. Nesse caso, a avaliação também está ligada ao gênero através do qual o discurso é apresentado às crianças (no que diz respeito à compreensão) e ao gênero que for cobrado para a produção. Ou seja, sendo os usos dos recursos lexicais flexíveis, esses se combinam com o foco no qual repousam as escolhas infantis para valorar ou se posicionar socialmente, algo bastante singular nas práticas escolares infantis.

Nesse sentido, julgamos ser possível encontrar, nos textos das crianças, elementos que comprovem sentimentos e valores postos de uma comunidade, de modo a demonstrar emoções, gostos e avaliações normativas. Não é à toa que corroboramos com a ideia de que as crianças, em fase inicial de aprendizado, pensam e constituem os sentidos dos textos levando em conta contratos valorativos da língua que a permitem entender que o texto cumpre um papel social, histórico e dialógico em suas ações linguísticas. Para tanto, buscamos verificar a negociação e valoração das crianças, enquanto produtoras de texto, ao enfocar aspectos interativos do discurso à luz da teoria em tela.

3. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Com base no arcabouço teórico eleito para tal investigação, conduzimos a análise dos textos de vinte crianças² do Ensino Fundamental que responderam a dez questões de leitura e de escrita (instrumentos

2 Essa pesquisa, de natureza indutiva, de cunho descritivo e qualitativo, é um recorte do Projeto de Pesquisa PIVIC/UFCG 2011-2012 intitulado *Atividades metalinguísticas e construção de sentidos: como os aprendizes da língua lidam com essas duas ações nas práticas de leitura e de escrita?* que contou com a participação de crianças do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado da Paraíba. Optamos por investigar as crianças do 2º ano do Ensino Fundamental em face de tarefas de reconhecimento e produção textual, sobretudo por consideramos que, nesse nível de ensino já podemos detectar certo domínio e maturidade textual por

de aferição) que contemplaram diferentes aspectos do trabalho com a língua materna, desde a escrita e leitura de letras até a leitura e escrita de gêneros discursivos que demandam opiniões e formas de posicionamento. Tais instrumentos foram produzidos pautando-se nas Matrizes atualmente utilizadas pela Provinha Brasil que avaliam periodicamente as habilidades linguísticas de crianças do Ensino Fundamental.

Assim, as questões escolhidas para analisarmos os subsistemas de *avaliação* foram: **questão 7**, em que foi solicitado ao sujeito a escritura de um convite chamando seu melhor amigo para participar de sua festa de aniversário; **questão 8**, em que, a partir de um texto motivador intitulado *Cuidado com os dentes*, foi solicitada a escritura do porquê devemos escovar os dentes; e a **questão 10** em que, levando em conta uma imagem, o sujeito deveria narrar o que se passava nela³. Cabe lembrar que, para a coleta dos dados da escrita, entregamos a cada sujeito uma ficha na qual deveria responder a cada questão depois do comando da pesquisadora. Depois de coletados, foi iniciada uma tarefa minuciosa de contraste, análise e transcrição do corpus para se proceder com a análise quantitativa e qualitativa dos dados da pesquisa à luz da teoria da avaliatividade. Quanto aos subsistemas da avaliação que serviram de suporte para analisar os dados dos sujeitos, utilizamo-nos, pois, dos de *Atitude, Engajamento e Gradação*.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após analisar as respostas dadas pelas crianças aos instrumentos da pesquisa, corroboramos que avaliar é hábito linguístico muito comum nas práticas linguísticas dos aprendizes da língua, sinalizando diferentes relações que vão se tornando mais complexas conforme o avanço na escolaridade. Quantitativamente, dos subsistemas sugeridos por Martin e White (2005), constatamos que o de maior ocorrência foi o de *engajamento* seguido dos subsistemas de *atitude* e *gradação*, conforme vemos no gráfico abaixo:

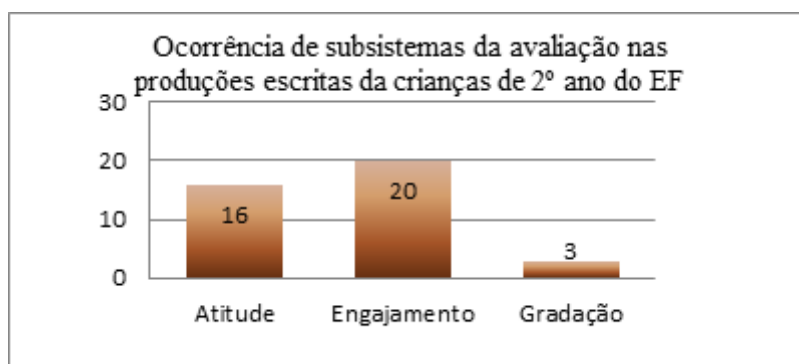


Gráfico 1: Panorama das ocorrências dos subsistemas de avaliação

crianças em fase de alfabetização.

³ A imagem em questão tratou-se de uma das ilustrações do conto *O patinho feio*, na qual o patinho feio se distancia da mãe e de seus irmãos.

Quanto ao subsistema de *atitude*, cabe lembrar que a valoração se dá através de importantes eixos, como o do *afeto*, do *julgamento* e o da *apreciação* que comprovam o quanto as crianças conseguem julgar os propósitos comunicativos das práticas com a língua materna. Ao passo em que engajamento (20 casos) e atitude (16 casos) parecem ser os primeiros subsistemas de que se apropriam as crianças nesta fase, a gradação (03 casos) aos poucos emerge em suas ações linguísticas. Conforme veremos, tal fato se deve, muitas vezes, à natureza dos gêneros discursivos com os quais elas convivem, aos propósitos comunicativos postos, à presença ou ausência de interlocutores reais, à escolaridade, dentre outros.

Analisando, pois, os achados acima, constatamos o quanto as crianças em situação escolar dão prova de níveis de reflexividade sobre a língua. Ora, a língua, no universo da criança, é um ambiente propício para estabelecer contratos, sentidos, demandas, julgamentos. Assim sendo, avaliar serve para que ela se coloque enquanto sujeito social que é. Daí suas escolhas lexicais, atravessadas em seus textos, sinalizarem para posicionamentos carregados de significação. Os exemplos abaixo demonstram sujeitos engajados social e historicamente, sobretudo, porque usam da *atitude*, para mensurar suas escolhas linguísticas a ponto de se colocar enquanto interlocutor interativo e compromissado com os sentidos veiculados por cada escolha linguística previamente valorada.

ATTITUDE/AFETO	
C112LJS ¹	[1] Venha para minha festin ha vai ser <u>uma delícia</u> meu 7º aniverssario
C012ALB	[2] meu amigo Clebe uma <u>feira legal</u>
C022CAI	[3] O pato foi reclamado e saiu de perto <u>triste da vida</u> .
ATTITUDE/JULGAMENTO	
C192SVS	[4] que a mãe <u>abandonou o filho</u>
C092JOV	[5] <u>tá com medo</u> daquele outro pato.
ATTITUDE/APRECIÇÃO	
C042DCS	[6] o...esta nadando <u>por lado errado</u>
C084JJC	[7] no lago tem uma pata com seus filhote passeado por lago e <u>outro pato sozininho</u> .

Tabela 2: Exemplos dos subsistemas de Atitude

Nos campos semânticos em que ocorre cada escolha lexical acima (*uma delícia*, *legal*, *triste da vida*, *abandonou*, *medo*, *lado errado*, *sozinho*) temos, pois, a confirmação de que sentimentos valorados negativamente ou positivamente são determinantes para a efetivação dos sentidos, o que dá conta dos momentos em que as crianças refletem afetivamente sobre as formas de dizer. Temos nestes exemplos, ainda, marcas do posicionamento infantil face ao comportamento do(s) outro(s), no caso, o

patinho, a mãe pata e os irmãozinhos, em que se valora acerca de suas atitudes; e, também, situações em cuja valoração tem a ver com o ponto de vista estético da criança em relação aos objetos, produtos ou instrumentos naturais (*pero lado errado*), fato que aponta a importância dos discursos tomados “emprestados” de fora da sala de aula para a efetivação dos sentidos de que a língua precisa.

O outro subsistema em análise nessa investigação foi o *engajamento* para o qual registramos vinte casos de ocorrências, apontando para o fato de que as crianças, no liame de suas práticas discursivas, já apresentam certa “maturidade” linguística para lançar inferências, demonstrar valoração e apresentar posicionamentos críticos, optando reflexivamente pela escolha e seleção de marcadores linguísticos para a constituição de sentidos na produção de suas enunciações discursivas e produção de textos.

É presumível que a exposição de tais valorações/avaliações floresçam do conhecimento de mundo que elas possuem, da influência do meio histórico-social em que estão inseridas, fatores preponderantes que implicam na tomada de posicionamentos valorativos/avaliativos, pois os textos trazem marcas de outras vozes, de outros textos em suas produções textuais. Nesse caminho, a questão 8, eleita enquanto foco de análise nessa investigação, ao solicitar que o sujeito aprendiz leia o texto abaixo e posteriormente responda à pergunta *porque é importante escovar os dentes?* sinaliza o quão a valoração pautada no mundo extralinguístico é singular na hora de responder às demandas escolares.

CUIDADO COM OS DENTES	
Os dentes são muito sensíveis, por isso devemos ser cuidadosos com eles. Os dentistas recomendam que os dentes devem ser escovados, no mínimo, três vezes por dia: ao acordar, após as refeições e antes de dormir. Não podemos esquecer o fio dental, que deve ser usado pelo menos uma vez ao dia, de preferência à noite.	

Assim, a partir da leitura do texto, os sujeitos aprendizes elaboraram as seguintes valorações/avaliações da ordem do *engajamento*:

ENGAJAMENTO	
C012ALB	[8] <u>porque um Bixo preto morde os dentes</u>
C062GAM	[9] <u>não estragar</u>
C072JP	[10] <u>lipo</u>
C082JJC	[11] <u>pra eles fica braco e saudavio e não apodrecer</u>
C112LJS	[12] <u>porque os dentes fica amarelos</u>
C132LHG	[13] <u>poq o dte cai iagite fica bamgelo</u>
C162MKS	[14] <u>porque si não eles calhen i fica com care</u>
C172NMC	[15] <u>porque eles são muito valiosos</u>

Tabela 3: Exemplos dos subsistemas de Engajamento

Percebemos, nos exemplos acima, que os posicionamentos valorativos lançados pelos aprendizes, como também as inferências atribuídas no liame de suas produções, demarcam a influência do discurso materno na vida das crianças. Quando o aprendiz salienta que devemos escovar os dentes porque senão o bicho preto virá e morderá nossos dentes, com certeza foi um ensinamento da mãe. Qual é a criança que não tem medo do bicho papão? A mãe, de forma pedagógica e lúdica, utilizou a metáfora do bicho, que é tido como vilão, como um inimigo, que ameaça para conscientizar o filho a escovar os dentes todos os dias, porque, se não o fizer, o bicho preto, que metaforicamente é a cárie, virá e destruirá os dentes. O discurso do sujeito aprendiz traz marcas de outros discursos que circulam no cotidiano dos mesmos. A escolha da marcação sintagmática do substantivo bicho demarca um fator negativo na cadência da construção textual, sendo a cárie comparada com um bicho preto que irá morder os dentes.

Já as escolhas lexicais *para eles ficarem brancos, saudáveis e não apodrecerem, para ficarem limpo; porque os dentes ficam amarelos; e porque eles são muito valiosos*, denotam a noção que o aprendiz tem das categorias gramaticais: adjetivo e verbo. Quando o sujeito aprendiz justifica que se deve escovar os dentes e seleciona gramaticalmente e pragmaticamente os adjetivos branco e amarelo, ele demonstra “compreender” o valor morfológico, sintático e semântico entre esses dois vocábulos, apresentando distinções entre eles. Quando seleciona o adjetivo branco, associa-o a algo limpo, dentes brancos, implicando em dentes limpos, portanto, saudáveis. Já quando escolhe o vocábulo amarelo, associa a dentes sujos, mal cuidados, sem escovação. As marcações linguísticas dos verbos *apodrecer* e *estragar* sinalizam um valor semântico e sintático negativo, pois as próprias valências verbais apontam um comportamento sintático de negatividade, a criança tem a noção de podre, como algo estragado como, por exemplo, a noção de uma fruta podre; quando assim está, ela entra em estado de decomposição e é jogada fora; de maneira similar acontecerá com os dentes, senão forem bem tratados e cuidados. A seleção do adjetivo *valioso* demarca a ideia de preciosidade, pois, para o sujeito, os dentes valem ouro. Assim, o adjetivo *valioso* reforça a ideia dos cuidados que devemos ter com os nossos dentes.

As marcações lexicais *porque senão eles caem e a gente fica banguelo; e porque senão eles caem e ficam com cárie*, corroboram a noção que o sujeito discursivo tem da categoria gramatical verbo, visto que, se formos analisar a diátese do verbo *cair*, este apresenta uma valência pejorativa, negativa, que sinaliza queda, dor, descuido. A criança, quando organiza a construção sintática e salienta que se não escovarmos os dentes eles caem, configura tal assertiva com escopo no seu conhecimento de mundo. Sua mãe, de maneira categórica, diz que se não escovar os dentes todos os dias, eles irão cair, a criança ficará banguela, literalmente com janelinhas na boca.

A partir dos pressupostos das análises dos dados acima expostos, é notório que as crianças apresentam valorações/avaliações positivas e negativas semanticamente bem colocadas e posicionadas, apresentaram engajamento através da expansão dialógica.

Na questão 10, em que se solicitou a escritura de uma narrativa com base na imagem abaixo, retirada do conto *O patinho feio*, as crianças apresentaram exemplos singulares de valoração/avaliação de

engajamento por meio da contração dialógica, como vemos no exemplo transcrito a seguir:

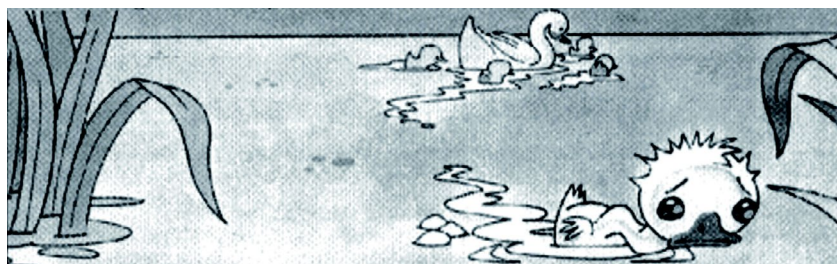


Figura1: Figura que serviu de suporte à produção textual. FONTE: Saeb, 2001.

C112LJS	[16] Era uma vez um patinho <u>que estava nos ovos da sua e sua mãe sentos nos ovos que começarão a tremer e os patinhos começarão a nacer e só naceu um patinho feio e os patinhos e mãe foi pro lago e todos os patinho ficou rino do patinho feio [...]</u>
---------	--

Tabela 4: Exemplo de engajamento por contração dialógica

O sujeito aprendiz valora/avalia por meio da contração dialógica porque extrapola os limites da imagem, inferindo informações novas, que não são autorizadas pela imagem. Ele diz que o patinho estava nos ovos da mãe e que os ovos começaram a tremer, quando o patinho nasceu, todos ficaram rindo do patinho feio. A criança mescla as informações entre o dado e o novo, fruto de seu conhecimento enciclopédico, marca discursiva de outros textos já lidos pela mesma. Ela não adere ao que é explicitado na imagem, transcendendo às informações do texto.

E por fim, tivemos também na análise a presença do subsistema *gradação*, porém percebemos que tal ação valorativa ocorreu apenas a partir da apreciação de gêneros discursivos específicos, a saber, textos que demandam uma análise valorativa a partir, principalmente, da *exigência* de uma reflexão discursiva maior, conforme vemos nos exemplos abaixo:

GRADAÇÃO	
C062GAM	[1] O pato esta <u>muito trite</u> porque ele esta <u>muito</u> .
C162MKS	[2] ...e o patilhomasis velho si perdeu e ele ficou <u>muito trite</u> porque ele tilha si perdido...
C172NMC	[3] porque eles são <u>muito valiosos</u>
C202TSV	[4] o patinho feio ele se acha <u>muito feio</u>

Tabela 5: Exemplos dos subsistemas de Gradação

Do ponto de vista da valoração, o subsistema *gradação* abrange aqueles itens lexicais que representam uma intensificação ou minimização dos subsistemas de *atitude* e *engajamento*. Para tanto, o locutor utiliza escalas de avaliação sobre dois pontos de vista: o foco e a força. No caso da nossa análise, percebemos que as crianças utilizam apenas o eixo de gradação *força* a partir do

item lexical *muito* que se repete em todos os casos. Percebemos, ainda, que a gradação só ocorreu nas **questões 08 e 10** que exigiam das crianças um posicionamento particular a respeito do cuidado com os dentes e da gravura do patinho, respectivamente. Assim, nesses casos, notamos que a criança une-se ao texto num processo dialógico em busca de significações e que suas escolhas lexicogramaticais firmaram importantes contratos discursivos. Apesar de na **questão 07** não termos encontrado casos desses subsistemas, entendemos que, devido à prototipicidade que encerra o gênero *convite*, será possível ao usuário da língua lançar mão da gradação para convencer o outro discursivamente na medida em que valorar o seguinte: o aniversário vai ser *muito* bom, vai ser *muito* divertido, vai ter *muito* doce, dentre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a linguagem oferece mecanismos diversos para que atribuamos diferentes avaliações aos mais diferentes aspectos de nossas atitudes em nosso cotidiano (VIAN JR, 2009), confirmamos, através da análise dos dados, que as crianças, desde cedo, avaliam fatos, acontecimentos, atitudes, ações, decisões, enfim, tudo que está ao seu redor. Grande influência disso está nos princípios fortemente enraizados na sociedade, já que nos induzem a avaliar positiva ou negativamente.

Percebemos que, a depender do texto e do gênero discursivo que o sustenta, o grau de avaliabilidade irá variar quanto à natureza ou propósito comunicativo. Assim, dos gêneros postos em prova, o que demandou da criança maior engajamento discursivo, por exemplo, escrever porque devemos escovar os dentes, texto de natureza argumentativa, a avaliabilidade foi recorrente, pois nele elas puderam expressar suas opiniões pessoais.

Partindo desses pressupostos é notório que as crianças ao escolherem ou selecionarem itens lexicais já demonstram, mesmo de maneira rudimentar, certa “maturidade” linguística de caráter reflexivo defronte ao funcionamento interno e externo da língua materna, visto que, quando em suas construções sintagmáticas e paradigmáticas combinam e associam suas semantizações para constituir sentidos, procuram atender às intenções discursivas com as quais convive.

Nesse sentido, cabe salientar que, à luz da teoria da valoração, as escolhas léxico-gramaticais adotadas pelos aprendizes denotam a apropriabilidade ou a adaptabilidade dos componentes sintáticos e semânticos da língua à sua ambiência, ou seja, há um planejamento discursivo e linguístico, posto que tais itens lexicais não foram selecionados aleatoriamente, mas pela opção de uma estrutura argumental preferida, que diz respeito à verificação da preferência por um ou outro tipo oracional, considerando-se não apenas a dimensão gramatical como também a pragmática. Embora essa preferência se refira a uma estrutura sintática, tem também em sua substancialidade determinação discursiva.

REFERÊNCIAS

Bronckart, Jean-Paul (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC.

- Bakhtin, M. (1997). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1981). *The dialogic imagination: four essays* Austin: University of Texas Press, 1981.
- Cabral, S. R. S. (2007). *A mídia e o presidente: um julgamento com base na Teoria da Valoração*. 249 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.
- Halliday, M. A. K; Matthiessen, C. M. I. M. (2004). *An introduction to functional grammar*. 3ed. London: Routledge.
- Halliday, M. A. K. (1994). *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Routledge.
- _____. (1973). *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold.
- _____. (1967). *Intonation and Grammar in British English*. The Hague: Mouton, 1967.
- Kato, M. A. (Org.) (1998). *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes.
- Koch, I. V; MARCUSCHI, L. A. (1998). Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, 14, p.169-190.
- Koch, I. V. (2008). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- Martin, J. R.; White, P. (2005). *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editora Parábola.
- Neves, M. H. M. (1997). *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vian Jr., O. (2009). O sistema de avaliabilidade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *DELTA*, 25, p. 99-129.
- White, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem e(m) Discurso*, 4, n. Especial, 2004.

Recebido em: 30/07/2015

Aceito em: 13//2015